

Perspectivas Contemporâneas



A construção do ethos intelectual nos ensaios de Nancy Huston

Claudia Almeida*

RESUMO:

Nos ensaios de Nancy Huston, o processo de construção do ethos intelectual evidencia estratégias discursivas que se mostram bastante eficazes para alcançar o resultado esperado. Dentre estas, destacam-se as modificações do posicionamento no campo, o tom de provocação moderada, a criação de um *ambiente dialógico* no texto, o uso recorrente da ironia e a temática do engendramento.

Palavras-chave: Nancy Huston. Intelectual. Feminismo. Ethos.

Autora de mais de 30 livros, Nancy Huston é uma escritora de grande sucesso, traduzida em muitas línguas, inclusive o português. Sua obra é constituída principalmente de ensaios e romances, mas também conta com livros infantis, teatro, textos para livros de fotografias, artigos publicados em jornais e revistas, prefácios e outros. Prêmios literários – com destaque para o *Fémína* de 2006, com *Lignes de faille*, publicado no Brasil com o título *Marcas de nascença* –, boa vendagem de livros e agenda lotada de compromissos predominantemente no âmbito da literatura confirmam a carreira consolidada dessa canadense que chegou à França em 1973.

Apesar da diversificação de sua produção textual, Nancy Huston se destaca principalmente por seus romances. Entretanto, suas primeiras incursões na escrita ocorrem em outro gênero: o ensaio. Falando um francês rudimentar, a jovem, que deveria permanecer em Paris apenas durante o período de sua bolsa de estudos, investe no aprendizado da língua e publica seus primeiros textos na revista artística e literária *Sorcières* (1975-1982). Engajada na luta feminista da época, desde seus primeiros escritos Nancy Huston traça linhas que também nortearão seus textos ensaísticos posteriores.

Neste artigo, buscaremos resgatar essas linhas e destacar alguns momentos de seu percurso ensaístico. Interessa-nos particularmente o processo de construção de um ethos de mulher intelectual, que ainda prossegue nos dias de hoje. Para tanto, vamos nos concentrar nos ensaios que abordam temáticas que extrapolam o campo essencialmente literário, o que evidencia a reflexão sobre questões não necessariamente incluídas em seus romances. Assim, identificaremos aspectos recorrentes nesse corpus, tais como a orquestração de múltiplas vozes, o uso de elementos autobiográficos, a prática da ironia e o tom coloquial. Seguiremos a ordem cronológica de publicação dos textos a fim de estudar a evolução do pensamento e do ethos de mulher intelectual. Aliás, começaremos justamente por um rápido panorama das transformações pelas quais passou (e tem passado) a figura do intelectual na França.

O intelectual na França

Na França, o reconhecimento de uma classe intelectual se consolida no fim do século XIX, por ocasião do caso Dreyfus. Ao se engajarem na defesa do capitão do exército francês, injustamente acusado e condenado por traição, escritores, políticos, críticos, jornalistas traçaram as linhas que definiriam a figura do intelectual a partir desse momento. A defesa de valores universais e o protesto público contra injustiças constituem seus pilares de ação. Ao longo do século seguinte, guerras e práticas políticas autoritárias foram alvo de movimentos que reuniram muitos pensadores franceses

em prol do bem estar e do exercício pleno da cidadania. Nos anos 40 e 50, Jean-Paul Sartre torna-se um representante emblemático do intelectual francês, destacando-se por sua proposta humanitária.

Entretanto, a derrocada de valores, observada após a Segunda Guerra, provoca uma redefinição do papel do intelectual:

A conjuntura histórica no final da Segunda Guerra (o constato mesmo da derrota da razão em Auschwitz, a vitória do comunismo sobre o fascismo) configura um novo esquema de pensamento e uma nova maneira de se pensar uma ação intelectual. A partir de então, uma nova prática intelectual passa a ser adotada; o moralismo do passado transforma-se em uma práxis coletiva: o engajamento político. Mas, se o engajamento pressupõe uma ação do intelectual na História, visando a contribuir para mudar a sociedade, essa ação só poderá se realizar a partir de um projeto revolucionário. O engajamento será, portanto, uma resposta dos intelectuais à mística do comunismo. O intelectual francês engajado do pós-guerra posiciona-se, então, ora a serviço do partido (os “intelectuais orgânicos”), ora em sua periferia (os “compagnons de route”) (SILVA, 2003).

O fim das utopias provoca uma nova reviravolta na atuação do intelectual. O modelo descrito por Helenice Silva se esfacela pela perda das bases de sua construção. Desde os anos 80, o intelectual francês se estabelece de forma individual e sem engajamento específico, o que é visto por Sandra Laugier como a falência de um projeto sócio-político:

Há uma degradação da vida intelectual na França: isso nem precisa mais ser demonstrado e, em certo sentido, o caso está solucionado. Há muito tempo os intelectuais se desconsideraram: seja individualmente pela corrida de um fulano em busca de visibilidade midiática ou de um outro pelo poder político, seja coletivamente por sua ligação com o poder do momento qualquer que seja ele, ou, inversamente, por seus clamores indignados contra uma figura que os irrita (LAUGIER, 2003, p. 7-8).

Essas constatações fundamentam a reflexão de Sandra Laugier sobre a pertinência de se atribuir ao intelectual o papel de representante de uma opinião decisiva para a sociedade. O esmaecimento da prática engajada faz com que reflexões e propostas se desenvolvam em campos específicos que não exigem articulações entre os *pares* intelectuais ou entre as áreas abordadas. Assim, os percursos intelectuais se constroem a partir de perspectivas individuais. Na contemporaneidade, também se observa um deslocamento dos intelectuais, com forte concentração na Universidade.

Ao longo da História, inclusive em nossos dias, a classe intelectual é constituída majoritariamente por figuras masculinas. A participação feminina começa a ser mais efetiva à época da explosão da discussão sobre o feminismo, na segunda metade do século passado. Na França, Simone de Beauvoir é, ainda hoje, uma das referências mais fortes do MLF (sigla em francês do Movimento de Liberação das Mulheres) e, reconhecidamente, uma intelectual de ponta. Outras mulheres se destacaram por sua participação nesse movimento e pela teorização das questões feministas. Com mais visibilidade e valorização, as mulheres pensadoras vêm se fazendo mais presentes nos diversos meios de difusão do pensamento. Nancy Huston, canadense anglófona que chega à França nos anos 70, como estudante, dá os primeiros passos no seu percurso intelectual no âmbito desse movimento e, guardando as marcas desse engajamento, alarga os passos e amplia seu espectro de análise de questões atuais.

Jouer au papa et à l'amant. De l'amour des petites filles (1979)

Neste primeiro ensaio, a autora analisa as representações simbólicas do pai, da mãe e as modificações em suas relações com a filha conforme se transforma de menina em mulher, destacando o caráter ambíguo da imagem da menina. O olhar crítico é fortemente pautado na herança feminista, mas não se restringe a ela. Nancy Huston estuda *casos* a partir de depoimentos de homens sobre suas impressões a respeito das meninas e de mulheres sobre experiências marcantes. Usando ferramentas da psicanálise – Nancy Huston assistiu a alguns seminários de Lacan –, a autora segue, entretanto, o caminho da desmistificação:

se eu critiquei bastante a psicanálise nesse livro, não se trata de modo nenhum de lançar dúvidas sobre os *talentos* clínicos desse ou daquele teórico(a), mas, na medida em que um certo discurso “vulgarizador” da psicanálise invadiu progressivamente a mídia, (...), pareceu-me necessário questionar seu poder e sua influência (HUSTON, 1979, p. 12-13).

Identificando uma extrapolação do uso da psicanálise, a autora indica a necessidade de se refletir a respeito de suas consequências. Para tanto, recorre a uma série de referências a outros textos que demonstram um estudo prévio bastante minucioso. Entretanto, ao definir a *metodologia*, desfaz qualquer possibilidade de um texto de especialista:

Se eu tivesse tido uma idéia simples ou simplista de defender, o problema da forma teria sido imediatamente resolvido. Dada a interpenetração, se posso dizer, dos diferentes tipos de relações entre o homem e a menina, escolhi o ecletismo. Para desconstruir um mito, é preciso buscar em todas as fontes, considerem-se elas científicas e objetivas ou não. Os homens que falam aqui do “amor das meninas” são todos, sem exceção, intelectuais, mais suscetíveis e mais livres que outros para questionar as estruturas familiares, de um ponto de vista prático ou teórico. Logo, não se trata de forma alguma de uma amostragem representativa de todos os homens de todas as classes sociais. Às vezes, é Freud que fala, às vezes “intelectuais de esquerda” que eu conheço e às vezes meu próprio pai. Mas mulheres também intervêm constantemente. Elas foram meninas, elas se tornaram teóricas ou prostitutas ou mães de meninas. Falo também em meu próprio nome e em nome de mim, pequena (HUSTON, 1979, p. 16-17).

Este trecho é particularmente interessante para identificarmos a construção do ethos dessa enunciativa bem como algumas características de seu ensaio. Em primeiro lugar, ao destacar a opção pelo ecletismo das fontes de consulta, assume a tarefa de selecionar o que deve/pode ser usado. Mas também assume a responsabilidade de transformar elementos compostos em reflexão articulada e pertinente. O risco da empreitada evidentemente aumenta o valor do resultado; a natureza do trabalho aponta para a postura de intelectual. Assim, desde o primeiro ensaio, a autora se apresenta como alguém capaz de desempenhar esse papel.

A escolha dos entrevistados corrobora esse posicionamento: todos são definidos pela escritora como intelectuais. No conjunto dos oito homens nomeados, encontramos as seguintes profissões: três professores de francês, um filósofo, um professor de matemática, um professor (sem indicação de disciplina), um físico e um pintor. Além destes, seu pai, um “cientista corroído pela dúvida” (HUSTON, 1979, p. 46), professor universitário cuja especialidade era a cosmologia. No conjunto de mulheres nomeadas, o perfil é bem parecido, embora nem sempre haja a indicação da profissão:

professoras, escritoras, jornalistas, uma atriz e uma secretária. As prostitutas às quais se refere a escritora são incluídas através de citações de autobiografias. Também há depoimentos de crianças e adolescentes.

Ao definir o espectro de análise, a escritora posiciona seu texto fora do campo dos especialistas (o que de fato ela não é) e, conseqüentemente, o direciona a um determinado público. Seu leitorado potencial é formado por aqueles que buscam uma reflexão bem estruturada e não um tratado científico. Todavia, para ter acesso de fato a esse texto, é preciso que os leitores tenham uma base de conhecimento semelhante à da autora. Assim, Nancy Huston escreve sobre mulheres a partir do olhar de homens intelectuais, de mulheres em sua maioria também intelectuais e, portanto, para intelectuais: seus pares.

Nesse texto, a acepção de intelectual que a escritora usa está muito mais próxima do adjetivo que se opõe a manual (trabalho intelectual x trabalho manual) do que do substantivo cujo sentido começa a se consolidar a partir do caso Dreyfus. Esse é o primeiro passo do percurso que seguirá a autora na construção do ethos da intelectual.

Nesse primeiro ensaio, também é possível identificar o tom que pontuará os outros que se seguirão: a provocação controlada. Nancy Huston escreve sobre temas controversos que poderiam gerar grandes polêmicas e defende posições distantes do radicalismo, fortemente embasadas em uma reflexão claramente expressa e cientificamente fundamentada. O texto não se apresenta como uma análise teórica que busca fundamentar estudos futuros, mas, sim, como o espaço de articulação das ideias pessoais da escritora. O perfil da intelectual lúcida e equilibrada começa a se delinear.

Segundo Dominique Maingueneau, o processo de construção do ethos envolve vários elementos:

O *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: *ethos* pré-discursivo, *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também de fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*): diretamente ou indiretamente, por exemplo, por meio de metáforas ou de alusões a outras cenas de fala (MAINGUENEAU, 2008, p. 71).

Aqui, buscaremos identificar o percurso de construção do ethos da intelectual a partir de alguns enunciados e de algumas características desse primeiro ensaio, também observadas nos outros que analisaremos.

A primeira dessas características é a cenografia do *ambiente dialógico* criada pela escritora. Nancy Huston reproduz múltiplas vozes e com elas estabelece *diálogos* que são a base de suas conclusões. Em *Jouer au papa et à l'amant*, as falas dos entrevistados são citadas basicamente de duas formas: quando se trata de um único parágrafo ou de transcrições de vários entrevistados a partir de um tema (por exemplo, pais alimentadores), a indicação do nome do entrevistado vem seguida de dois pontos e de sua fala; outras vezes, a entrevista é reproduzida com o uso de travessões. Esse ambiente dialógico é percebido pelo leitor e a impressão de uma conversa na qual várias vozes se apoiam ou discordam entre si é bastante forte. O *diálogo* produzido por Nancy Huston estende-se ao leitor que se vê, algumas vezes, diretamente interpelado. A intelectual, ao invés de enfatizar o conhecimento que tem do tema que analisa, apresenta-o de forma leve e como o produto das discussões. O diálogo se configura pois como um traço pessoal dessa intelectual.

A segunda característica presente nos ensaios de Nancy Huston é o uso constante da ironia. Usada recorrentemente como estratégia discursiva pela escritora – também em seus romances –, a ironia “envolve a atribuição de uma atitude avaliadora, até mesmo julgadora” (HUTCHEON, 2000,

p. 63). A ironia torna-se uma aliada importante da autora para atribuir uma determinada carga afetiva a suas avaliações e também para demarcar seu espaço de enunciadora. Logo nas primeiras páginas do ensaio, lemos o seguinte trecho: “Um dia, uma psicanalista da Escola freudiana me falou de sua convicção profunda que Lacan tem dificuldades com seu ‘ser-mulher’. ‘Além do mais, me diz ela, com um ar de sabedoria, ele é *La-can*, não é?’ Essa pessoa é encarregada de tratar de muitos doentes em um hospital psiquiátrico. Mal estar...” (HUSTON, 1979, p. 14) Ao perceber que a escritora *sugere* que a especialista em psicanálise não é competente para tratar os pacientes, o leitor pode estender essa incompetência para outros profissionais – e chegar à conclusão que psicanalistas não são confiáveis – ou pode questionar a pertinência de afirmações de base psicanalítica. Em ambos os casos, a ironia corrobora a crítica inicial da autora e fortalece sua atitude anunciada de desmistificadora.

A terceira característica que destacamos nos ensaios é a temática da maternidade. Nancy Huston é mãe pela primeira vez em 1984 e pela segunda vez em 1988. Essas experiências deixam marcas profundas em sua escrita, e gestação e maternidade tornam-se temas recorrentes em sua obra. Entretanto, mesmo antes desse *divisor de águas*, a escritora já tratava essa temática. Em *Jouer au papa et à l'amant*, isso é anunciado ao descrever as mulheres entrevistadas como “mães de meninas”, o que é tratado ao longo do texto, ainda que de modo bem mais discreto do que em ensaios posteriores. No que diz respeito ao processo de construção do ethos de intelectual, a recorrência e a evolução dessa abordagem contribuem de forma significativa para a definição *da* intelectual, com a marca de gênero explícita no ethos. A imagem feminina, cujo traço singular, definitivamente distintivo, é a possibilidade de engendrar um ser dentro de seu próprio corpo se sobrepõe, inclusive, à imagem feminista. As associações entre engendramento e criação literária, engendramento e posicionamentos de intelectuais, serão a base argumentativa do último ensaio que estudaremos neste artigo.

Dire et interdire: éléments de jurologie

O segundo ensaio longo de Nancy Huston é publicado no ano seguinte: *Dire et interdire: éléments de jurologie*. Este é talvez o mais acadêmico dos textos da escritora, pois trata-se da reescrita do trabalho final de Master que defendeu, sob a orientação de Roland Barthes, na *École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris*. A escolha do tema, palavrões e xingamentos, anuncia uma proposta desafiadora e subversiva. A autora aquiesce a essa postura, mas esclarece seus objetivos científicos:

(...) de minha parte, quis refletir sobre algumas questões subjacentes aos usos particulares e, mais especialmente, sobre a *função* das palavras proibidas na língua. Por que inventar palavras se elas devem ser imediatamente colocadas fora de circulação? Por que essas palavras só teriam eficácia catártica na língua dita materna? Seria legítimo estabelecer uma relação entre o interdito na língua e outros interditos, principalmente o célebre tabu do incesto? Estas e outras questões começaram a me assombrar... (HUSTON, 1980, p. 13-14).

A postura de especialista e o caráter científico do texto são muito mais fortes neste do que no anterior. A enunciadora assume explicitamente, algumas vezes, esse posicionamento: “É para explorar essas estranhas simetrias que me tornei, há alguns anos, *pragueóloga*” (HUSTON, 1980, p. 12). Entretanto, para amenizar a aridez do estudo científico, a escritora inicia seu texto – cujo primeiro capítulo tem o sugestivo título de *Iniciação* – narrando duas situações que viveu quando era criança, nas quais palavrões ou palavras *feias* foram alvo de crítica ou gozação. Assim, o texto científico tem início com anedotas em que a inocência da criança é atingida pela sanção ou pela malícia do adulto.

Essas pequenas narrativas não destoam do conjunto, pois, são, na verdade, ilustrações das reações das pessoas diante das palavras proibidas.

No início do texto, a subversão e o desafio do tema serão abordados pelo viés do humor e da ironia. A escritora se diverte com as situações pelas quais passa para ter acesso aos livros inacessíveis aos leitores comuns. A oportunidade para usar a ironia não poderia ser melhor e foi bem aproveitada:

Tive que escrever uma carta dirigida ao Conservador da Biblioteca, anexando documentos que comprovavam minha seriedade acadêmica e a absoluta necessidade que eu tinha de consultar os livros. Se eu precisasse fazer isso dez vezes no período de um mês, era necessário enviar dez cartas idênticas dirigidas ao mesmo Conservador (que era, na verdade, uma Conservadora): ela se recusava a me reconhecer e, de qualquer modo, não era possível conceder uma permissão com validade para mais de vinte e quatro horas. (Será que se tratava de controlar minha aparência física, para terem certeza que essa leitura não tinha prejudicado minha integridade intelectual e moral?) (HUSTON, 1980, p. 15).

A censura, mal disfarçada em controle do acervo raro, é criticada através dos mecanismos que utiliza. A mudança na aparência seria a consequência da leitura das obras eróticas que a autora pesquisava (na verdade, neste exemplo, trata-se de um dicionário!), mas, evidentemente, a manutenção do aspecto físico não é garantia de preservação de ideias ou princípios, aqui indicados como “integridade intelectual e moral”. Assim, criando uma hipótese que justificasse positivamente todos os obstáculos para ler livros que fazem parte do acervo da biblioteca, a autora evidencia o ridículo de tais medidas e, conseqüentemente, sua total inutilidade.

Outros momentos irônicos são observados, sobretudo nos primeiros capítulos. Ao longo do ensaio, a escritora segue o fio condutor da reflexão sobre os usos dessas palavras proibidas e suas relações simbólicas com outros interditos, enfatizando a representação redutora da mulher na simbologia dessas palavras.

A voz da feminista, apesar de manter o tom de provocação controlada identificado em *Jouer au papa et à l'amant*, é claramente mais tensa no segundo ensaio. Embasando suas afirmações em dados históricos e linguísticos, bem como em estudos de especialistas (Freud, Lévi-Strauss, dentre muitos outros), Nancy Huston conclui seu texto fazendo um apelo:

Enquanto as mulheres aceitaram os interditos tais como foram formulados pelos homens, elas não fizeram outra coisa senão participar de sua própria alienação (e as palavras obscenas que uma mulher usa a *alienam* literalmente: elas a separam de seu corpo e a obrigam a desprezá-lo). Mas existe uma diferença fundamental entre as palavras e as mulheres, a saber que as mulheres *falam*. Elas não são apenas objetos de troca, mas também sujeitos de discurso. E isso muda – ou poderia mudar – tudo. (...)

E – outra diferença em relação às palavras – as mulheres também agem. Elas agem em e sobre um mundo material; cada vez mais, agem contra as divisões que fizeram desse mundo o que ele é (HUSTON, 1980, p. 155-156).

A voz da militante feminista torna-se quase um grito e força esse traço nos contornos da intelectual, que será, de fato, permanente nesse perfil. Aqui, o ethos da intelectual se confunde com o da feminista, sem deixar, entretanto, de ser visível.

Neste ensaio, Nancy Huston não traz vozes de outros (a não ser através de citações de especialistas), mas os ecos de um diálogo se fazem ouvir: ao longo do texto, perguntas desempenham o papel de

desencadeadoras de reflexões. Às vezes retóricas, às vezes feitas a si mesma, às vezes direcionadas ao leitor, essas perguntas também contribuem para subverter o estilo científico do texto, que a autora abandonará nos escritos posteriores.

A maternidade, tema já introduzido em *Jouer au papa et à l'amant*, é analisada neste segundo ensaio em sua simbologia dentro das sociedades patriarcais no que diz respeito à proteção dos interditos. A identificação desse traço distintivo feminino, que será alvo dos “professores de desespero”, ainda está no início. Por outro lado, a autora introduz neste texto um tema que se tornará quase um leitmotiv em seus escritos e em suas entrevistas: as implicações do bilinguismo.

Mosaïque de la pornographie. Marie-Thérèse et les autres

O terceiro estudo que mencionaremos, *Mosaïque de la pornographie. Marie-Thérèse et les autres*, é publicado em 1982 e é resultado de uma pesquisa parcialmente financiada pelo programa Explorações, do *Conseil des Arts du Canada*. No ano anterior, a escritora publicou seu primeiro romance, *Variations Goldberg*.

O tema do ensaio é visivelmente provocador e tratado de forma explicitamente científica. Mergulhando na leitura de biografias e autobiografias de prostitutas, de romances eróticos e de estudos sobre a pornografia, Nancy Huston traça em linhas gerais as representações da prostituição normalmente difundidas nas culturas ocidentais. A escritora ainda destaca dois extremos dessa questão: de um lado, intelectuais que, sob o argumento da liberdade de expressão, gozam desses textos em seu imaginário; de outro, as mulheres que sofrem em seus corpos com os mecanismos que alimentam esse gozo.

Este ensaio resgata aspectos examinados nos textos anteriores. Já na primeira página, a autora destaca as dificuldades que sentiu para fazer essa pesquisa – “essa literatura me violenta” – e os julgamentos maliciosos de que foi alvo, que sugeriam que a escolha do tema e do corpus era no mínimo ambígua. Respondendo a essas falas, a escritora baliza seus objetivos e procedimentos:

Contudo, se eu assumo que meu interesse por tais fenômenos é equívoco, isso se restringe ao sentido etimológico da palavra: *aequus vox*, vozes iguais. Há muito tempo, existem duas vozes que falam dentro de mim, a feminina e a intelectual, e é muito raro que elas falem em uníssono. Um rangido pode se produzir a qualquer instante, ao sabor da menor leitura, do menor contato com as imagens e as narrativas da cultura que me cerca (HUSTON, 1982, p. 14).

As duas vozes que não falam ao mesmo tempo se encontram no texto. O tema é visto com olhos femininos que *sentem* o que as personagens reais e fictícias descrevem. A voz feminina que defende princípios de liberdade caros ao MLF veste a roupa de intelectual para se afirmar e ser ouvida e, mais ainda, para se impor como mulher intelectual. Entretanto, nesse início de carreira, a ensaísta ainda não tem a posição de intelectual legitimada dentro do campo. Mas deixa claro que é desta posição que estrutura sua reflexão e, mais ainda, que enuncia suas conclusões. Ao criticar a postura de representantes dessa classe, no que diz respeito a práticas que forcem a permanência de mulheres em situação servil, a escritora o faz ainda da periferia do campo, mas, ao fazê-lo através de um instrumento de uso habitual nesse mesmo campo – o texto ensaístico –, ela se apresenta como um membro potencial. A marca de gênero do enunciador, claramente uma enunciativa, é elemento primordial para a definição do posicionamento buscado dentro do campo.

O ambiente dialógico que encontramos nos textos anteriores também está presente neste ensaio. As vozes das prostitutas são *ouvidas* através de trechos de seus livros ou pela mediação da

própria escritora que relata o que lhe foi dito. A estrutura do texto privilegia a fragmentação e, conseqüentemente, a pluralidade de vozes:

Nas páginas que se seguem, a linearidade será quebrada; os capítulos tratarão alternadamente das duas porno-grafias: a dos defensores do imoral e a de Marie-Thérèse. Eu quis que este texto assumisse sua univocidade, que ele refletisse as inúmeras cisões que são ao mesmo tempo seu propósito: entre literatura e real, entre fantasia e teoria, entre mulher e intelectual. Que ele refletisse essas cisões não de forma caótica, mas, sim, como tantos espelhinhos dispostos em mosaico, a fim de que os leitores possam executar eles mesmos aproximações e reconhecimentos, reconstituir suas próprias imagens a partir dos fragmentos justapostos e talvez se engajar em uma nova reflexão (HUSTON, 1982, p. 32-33).

As fronteiras entre escritor e intelectual são fluidas, já que o primeiro pode tornar-se o segundo a partir de reposicionamentos no campo. Neste ensaio, as falas e escritos são apresentados, geralmente, em contraposição e sempre extrapolam o campo intrinsecamente literário, buscando fazer associações entre o texto literário e a vida cotidiana da sociedade francesa, no que diz respeito aos papéis que nela desempenham as mulheres. O ambiente dialógico *coordenado* pela escritora convida o leitor a participar dessa reflexão, favorecendo a identificação de cada voz integrada nesse conjunto. Na verdade, a fala do leitor, imperceptível no ensaio, poderia aliar-se ao aparelho caleidoscópico construído por Nancy Huston.

A ironia, estratégia recorrente na obra da escritora, foi usada com muita parcimônia nesse texto. Os sentimentos da autora em relação ao corpus que estudou parecem ter determinado um estilo mais direto e incisivo, que evita novas ambigüidades.

A gravidez é mencionada várias vezes, indicando momentos difíceis da vida de prostitutas e ex-prostitutas, mas é pouco analisada enquanto processo. Curiosamente, a última frase do livro é justamente “ela está grávida” e se refere a Annécie, uma das vozes mais presentes no texto.

Journal de la création

Publicado em 1990, este ensaio marca um estágio importante na evolução do pensamento de Nancy Huston. Sob a forma de um diário, a escritora destaca fatos, eventos e impressões colhidos ao longo da gestação de seu segundo filho e da escrita de seu terceiro romance *Trois fois septembre*. No segundo dia desse diário, 15 de fevereiro de 1988, ela explicita seus objetivos:

Desejo refletir aqui sobre o *mind-body problem* (...). O momento é totalmente indicado para fazer isso; parece-me que se eu almejo ver isso se clarear finalmente, é durante minha gravidez que conseguirei. (...)
Este será pois meu *Diário da Criação*. Diário de bordo de minha gravidez, mas reflexão também sobre o outro tipo de criação – a saber a arte – sobre os elos possíveis ou impossíveis entre os dois (HUSTON, 1990, p. 12).

A gestação de um filho e sua consequência imediata, a maternidade, transformam a vida e a obra de Nancy Huston, fazendo com que esse tema seja uma presença constante em seus escritos. Isso não significa, contudo, que haja algum tipo de sacrifício no percurso intelectual da autora. Na verdade, ela vai incorporar suas reflexões sobre esse assunto às que faz dentro do âmbito literário, social, político. Ao apresentar seu texto como o diário da gravidez, esclarece também que não se trata de um texto puramente *impressionista*, visto que a gestação física se desenvolverá em contraponto

com a discussão sobre as intercessões com a *gestação* artística. Esta última será estudada a partir de um corpus bem específico: os casais de escritores. Trata-se da retomada de um estudo feito dois anos antes para a preparação de alguns programas de rádio. Assim, ela, no fundo, inclui a gestação física na lista de temas que merecem ser discutidos no espaço do texto ensaístico.

A construção do ethos da intelectual prossegue com a distinção da maternidade enquanto elemento necessário para a compreensão dessas intercessões. Comentando opiniões de Simone de Beauvoir – cuja morte ocorreu exatamente nesse ano e a cujo enterro compareceu –, Nancy Huston destaca essa diferença: “O que não podia saber Simone de Beauvoir é que a maternidade não drena sempre e tão somente as forças artísticas: ela as concede também” (HUSTON, 1990, p. 141). A afirmação de que há um limite para a reflexão de Simone de Beauvoir, determinado pela ausência de uma experiência física e emotiva – criar um filho –, introduz uma tese que será amplamente desenvolvida em *Professeurs de désespoir*.

Ao longo do ensaio, as inúmeras referências às febres e a algumas reações de sua filha mais velha, L, transformam essas experiências em elementos fundamentais do ethos da enunciativa. A marca de gênero se torna quase condição para a produção de sua enunciação e, portanto, determinante na construção do ethos. Em um de seus estudos sobre esse tema, Dominique Maingueneau esclarece:

A meu ver, a noção de ethos é interessante por causa do laço crucial que mantém com a reflexividade enunciativa, mas também porque permite articular corpo e discurso em uma dimensão diferente da oposição empírica entre oral e escrito. A instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso não pode ser concebida como um estatuto, mas como uma “voz”, associada a um “corpo enunciante” historicamente especificado (MAINGUENEAU, 2008, p. 64).

Em *Journal de la création*, o corpo da enunciativa é determinante na construção do ethos, pois contribui decisivamente para a legitimação da enunciação: é durante o período de transformações físicas provocadas pela gravidez que ela se sente realmente capaz de refletir sobre as formas de criação da arte e, mais ainda, estabelecer as relações entre essas duas *gestações*. Esse corpo, marcadamente feminino, também fortalece o ethos da intelectual, pois confirma a enunciação feita por uma mulher.

O ambiente dialógico desse texto é marcado pela fragmentação: vozes irrompem sem seguir uma ordem ou um caminho preestabelecidos. A escritora parece recolhê-las e transpô-las no ensaio no momento em que se tornam audíveis. Somente as citações dos autores estudados são integradas ao texto dentro de uma disposição mais estruturada. Esses fragmentos transformam-se em molas propulsoras da reflexão. A autora costura esses pedaços de pano na urdidura e continua o tecido, entrelaçando os fios de suas ideias.

Curiosamente, neste ensaio, a ironia é pouco presente. Usada quase sempre como instrumento de crítica pela autora, essa figura da retórica parece perder espaço quando a ênfase é o estudo da criação artística. Esse apagamento é temporário, pois a ironia reaparece em textos posteriores, especialmente no último ensaio que estudaremos neste artigo.

Professeurs de désespoir

Muitos livros mais tarde, em 2004, a mulher intelectual levanta novamente sua voz para discutir o niilismo e a ele opor o engendramento/a gestação. A intelectual nunca se calou, mas passeou longo tempo por seu território preferido, o romance. Também se aventurou, com sucesso, em livros infantis, em correspondências com ares ensaísticos, em textos para fotografias e,

rapidamente, pelo teatro. A voz feminina marcada por um feminismo crítico é presença constante na obra da escritora. O quinto e último texto que destacamos no percurso intelectual de Nancy Huston é *Professeurs de désespoir*.

Sentindo-se desafiada pelas diatribes misóginas do escritor austríaco Thomas Bernhard, a autora organiza um corpus de treze escritores e filósofos que têm o negativismo como característica comum. Não se trata de uma análise textual, mas, sim, de uma reflexão sobre as circunstâncias e os mecanismos que levam a essa postura. Desde o início do texto, Nancy Huston anuncia sua conclusão: os autores *neantistas* também são *genófobos*, neologismo criado por ela para definir os que têm horror ou ódio do engendramento.

No último parágrafo do capítulo introdutório – “Entrando na matéria” –, a escritora explicita seus objetivos:

Gosto desses autores de forma diferente; alguns me são caros, outros me enfastiam ou me horripilam. Minha intenção não é denegri-los, nem mesmo emitir um julgamento de valor literário a respeito deles (da mesma forma, não contarei nem analisarei detalhadamente nenhum de seus livros): eles estão ali, bem instalados sobre os diversos pedestais de que dispõe o mundo das letras; dois deles ganharam o prêmio Nobel... O que eu desejo fazer é identificar a mensagem filosófica que esses autores veiculam e tentar compreender porque essa mensagem exerce sobre a Europa Ocidental contemporânea uma tal fascinação... e um tal poder (HUSTON, 2004, p. 16).

A voz da intelectual novamente se faz ouvir. Cumprindo seu *programa de trabalho*, Nancy Huston não faz análises literárias, embora use recorrentemente citações desses autores. O leitor – que dificilmente terá lido todos os livros citados – passeia por uma quantidade impressionante de obras, seguindo os passos da escritora. A naturalidade com a qual discorre sobre esse corpus não deixa dúvidas sobre a pesquisa que embasa as reflexões e, portanto, sobre a legitimidade para analisá-lo. O peso do *conhecimento*, entretanto, não é esmagador pois a autora *guia* o leitor com uma linguagem simples e leve.

O ethos da intelectual é reforçado ainda pela explicitação do público leitor de seu texto. Em um trecho particularmente importante deste ensaio, ela resume a evolução de sua reflexão e acrescenta novos elementos ao ethos dessa enunciadora:

Então, agora, vou dizer uma coisa absolutamente enorme, tão enorme que quase me dá medo, não é a coisa que me dá medo, mas o fato de dizê-la ou melhor de escrevê-la, porque escrever é meu modo de dizer, mas escrever essa coisa implica que ela só será ouvida pelos meus leitores, ou seja uma proporção ínfima, quase insignificante da população mundial; ora, é justamente para essas pessoas, para os leitores de ensaios, resumindo rapidamente, para os intelectuais, que essa coisa é enorme, embora para a grande maioria da população mundial ela seja, ao contrário, uma banalidade, um truísmo (...) *há uma diferença entre os homens e as mulheres*, aí está, eu disse, quer dizer, eu já disse a metade da coisa e a outra metade, a segunda, definirá em que consiste essa diferença, bem, me parece que essa diferença consiste em que a maioria das mulheres fazem filhos e passam tempo com crianças pequenas, enquanto que os homens fazem muito menos isso e são incapazes de fazer filhos (HUSTON, 2004, p. 35-36).

A oposição estabelecida entre a “coisa enorme” e a obviedade dessa coisa para as pessoas comuns – ou seja, que não são intelectuais e, portanto, não fazem parte da elite que pensa justamente sobre

“coisas enormes” – acusa uma disfunção dos agentes do campo intelectual. Ao fazer essa afirmação, a escritora se dirige aos seus pares e o faz com a autoridade de quem é um desses agentes, dentro do próprio campo. A posição que ocupa garante a legitimidade da enunciação e esta a coloca em um posicionamento proeminente dentro do campo, na medida em que se mostra capaz de identificar desajustes internos.

Contudo, a própria “coisa” dita atualiza a reflexão da escritora. Para a feminista que nunca deixou de militar pelos direitos da mulher e pela igualdade desta com os homens, a afirmação de que existe uma diferença entre os homens e as mulheres precisa ser bem explicada. E será. Ao longo do ensaio, Nancy Huston insiste na marca feminina por excelência, a possibilidade de engendramento, como um trunfo para o desenvolvimento de uma reflexão humanista em oposição ao niilismo dos autores que estuda. O humanismo apresentado pela escritora é fortemente influenciado pelo pensamento de Romain Gary, escritor que ela chama de seu “espírito tutelar”, que afirma: “se os homens de nosso tempo não encontram para os problemas que dilaceram o mundo soluções fraternais, talvez seja a condenação dos homens de nosso tempo, não é uma condenação da fraternidade” (GARY, 2005, p. 32).

Além de fortalecer o ethos da intelectual, a maternidade a opõe frontalmente aos princípios *neantistas* dos autores que estuda, dentre os quais, cinco são mulheres. A *genofobia* desses pensadores é apresentada como elemento determinante para a estruturação do pensamento niilista.

A cenografia deste ensaio resgata e *aperfeiçoa* o ambiente dialógico dos textos anteriores. Em uma entrevista mencionada pela escritora, Thomas Bernhard destila acidamente sua misoginia, sublinhando que Deus é masculino e que ninguém iria à igreja adorar a Deusa Suzy. Nancy Huston decide então escrever seu livro sob a égide da Deusa Suzy. Tal como um ventríloquo, a escritora conversa com seu personagem. A Deusa Suzy se irrita e até se exaspera com algumas citações dos niilistas, questiona pontos que julga obscuros ou incongruentes no pensamento desses autores, aconselha a escritora a abandonar a leitura desses professores de desespero e contribui para o esclarecimento de aspectos das reflexões da autora. Com uma duração de vida delimitada desde o início – o fim do livro é também o fim de sua *existência* – a Deusa Suzy é uma criação com características bem humanas que *perde a paciência* com os niilistas enquanto a autora segue sua exposição. A conversa entre as duas se faz em um tom bastante coloquial, garantindo leveza à escrita.

A cumplicidade das duas vozes, enunciadora e Deusa Suzy, também é um terreno vasto para a ironia, que neste texto é especialmente usada. A escritora aproveita a *troca* de comentários com a Deusa Suzy para sublinhar suas críticas com construções irônicas que são *respondidas* à altura.

Professeurs de désespoir é um dos pontos altos do percurso de ensaísta de Nancy Huston. A voz feminina que se levanta para contestar a fascinação pelas mensagens negativistas cumpre o papel da intelectual no que tange à discussão sobre questões relevantes para a sociedade. Afinal, quais os custos sociais de uma admiração incontestada pelo negativismo? A voz ainda ousa propor uma outra “canção – a do humano, do nunca humano demais, com tudo que ele esconde de inesperado” (HUSTON, 2004, p. 353).

O processo de construção do ethos da intelectual nos ensaios de Nancy Huston destaca mecanismos de resistência contra visões redutoras do papel da mulher, apresentadas muitas vezes sob o disfarce de práticas libertárias. A reflexão aguda sobre imposições e determinações historicamente justificadas, politicamente praticadas e socialmente aceitas é conduzida por uma voz firme que busca se afirmar na posição de intelectual e, assim, participar, de dentro do campo intelectual, da transformação de uma realidade que denuncia como inaceitável. A inclusão do feminino, como característica e elemento fundamental desse ethos, fortalece a posição da mulher intelectual: o corpo capaz de gerar e a experiência da maternidade tornam-se o diferencial no momento de ler o mundo que a cerca. Escapando de uma visão romântica, a voz feminina de Nancy Huston se afirma na posição de intelectual.

The construction of the woman intellectual ethos in Nancy Huston's essays

ABSTRACT:

In Nancy Huston's essays, the process of construction of the woman intellectual ethos shows the use of discursive strategies that are really effective in achieving the expected result. Among these strategies, we can highlight the changes of the position in the field, the mildly teasing tone, the creation of a *dialogical environment* in the text, the recurrent use of irony and the engendering theme.

Keywords: Nancy Huston. Feminism. Intellectual. Ethos.

Notas explicativas

- Doutora em Letras-Língua e Literatura Francesa (UFRJ). Professora Adjunta de Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Neolatinas do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Referências

- GARY, Romain. *L'affaire Homme*. Paris: Gallimard, 2005.
- HUSTON, Nancy. *Jouer au papa et à l'amant. De l'amour des petites filles*. Paris: Ramsay, 1979.
- _____. *Dire et interdire: éléments de jurologie*. Paris: Payot, 1980.
- _____. *Mosaïque de la pornographie*. Marie-Thérèse et les autres. Paris: Denoël/Gonthier, 1982.
- _____. *Journal de la création*. Paris: Seuil, 1990.
- _____. *Professeurs de désespoir*. Arles/Montréal: Actes Sud/Leméac, 2004.
- HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- LAUGIER, Sandra. *Faut-il encore écouter les intellectuels?* Paris: Bayard, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Organização de Silvio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SILVA, Helenice Rodrigues da. O intelectual, entre mitos e realidades. *Revista Espaço Acadêmico*, nº 29, outubro de 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/029/29csilva.htm>> Acesso em 01 jul. 2009.